

Quando o Diabo  
Aprendeu a Amar

Pedro Costa

# Quando o Diabo Aprendeu a Amar

A história da redenção do Diabo  
contada por ele mesmo

“Toda a história do homem consiste, desde o início, num conflito entre seu sentimento de inferioridade e sua arrogância.”  
Jung

# O Início

*No princípio, Deus criou o Céu e a Terra.  
(Gênesis 1:1)*

Segundo a Bíblia, é assim que a história do Universo e do caminhar da humanidade sobre a Terra começa. Porém, devo dizer que a minha história começa um pouco diferente.

Fui criado por Deus, meu Pai, muito antes de haver o mundo, muito antes de haver humanos caminhando sobre a Terra. Na verdade, fui a primeira de suas criaturas viventes. O primeiro de seus filhos. O seu primogênito. Aquele que primeiro sentiu o doce vento do Seu infinito poder de Criação a soprar-lhe as narinas preenchendo de vida os seus pulmões.

Assim as coisas aconteceram, de modo que, no início de tudo, éramos somente meu Pai e eu. Naquele tempo sem tempo, onde, para além das formas e objetos, até mesmo as ideias e conceitos ainda estavam sendo gerados, não havia em mim grande interesse em saber o porquê específico de eu ter sido criado por Ele. Na verdade, isso não me preocupava ainda porque o amor e a atenção que Ele me dedicava me nutria com tudo aquilo que eu sentia que precisava para viver, não sobrando espaço em minha mente para dúvidas ou questionamentos sobre as Suas ações.

Nosso amor era completo em si mesmo. Era um amor que formava um círculo de medidas exatas, nos reunindo do centro à circunferência em um abraço eterno de paz e unidade cuja perfeição e magnitude formava um *Todo* que jamais poderia ser desfeito, por força alguma no Universo, pois reunia em si toda a beleza e integralidade que havia na Criação. E, diante dessa benfazeja sensação de grandeza e completude, a ideia que mais me aprazia era a de ser a consequência natural do desdobrar do Seu amor, a outra metade que completava a infinitude do Seu Ser.

Da mesma forma que eu não poderia viver sem Ele, Ele também não poderia viver sem mim. Pelo menos era assim que eu pensava, até o dia em que, por tédio ou por desgosto (naquele momento eu ainda não sabia direito) Ele me mostrou que o infinito amor que eu Lhe dedicava não era mais suficiente para satisfazê-Lo e, por isso, decidiu criar, para além de mim, um número infindável de novas criaturas, a quem, segundo Ele, das menores às maiores, das mais simples às mais complexas, eu deveria passar a chamar de “irmãos”.

Dali para frente tudo mudou. Nunca mais seríamos só eu e Ele. Isso estava bem claro para mim. Dali para frente eu não seria mais o maior motivo de Seus sorrisos, eu não seria a parte mais bela de Seus poemas, eu não seria a nota mais perfeita de Suas canções...

Ao decidir criar tantos outros além de mim Ele me

mostrou claramente que somente a minha presença não mais O satisfazia e que somente a minha companhia não mais O completava. Ao criar tantos outros à despeito de mim Ele estava me falando, sem a necessidade de palavras, que eu não era tão “especial” e “diferenciado” como eu imaginei que fosse... como, durante tanto tempo, Ele mesmo me fez acreditar que eu fosse...

Pela necessidade da demonstração da superioridade do Seu poder de Criação em relação a mim, para me mostrar que eu não era tão “grande” ou “poderoso” como Ele, meu Pai colocou uma pesada pedra de separação entre nós dois e me demonstrou através disso que, na verdade, eu era apenas mais uma dentre as Suas infinitas criaturas, de variadas formas e espécies possíveis, criaturas que Ele poderia criar ou destruir a qualquer momento, ao Seu bel prazer, com apenas um leve toque de Seus sagrados dedos. E mostrou-me isso apenas para satisfazer a Sua necessidade de garantir a Sua posição no Universo como “O Maior dentre todos”.

Mas esperem. Eu sinto que estou me apressando demais na história. Deixem-me primeiro me apresentar a vocês. Eu tenho muitos nomes. Todos eles criados por outros, não por mim. Os céus e a terra geralmente me chamam de *Diabo*, mas, na verdade, todos são muito criativos ao me darem nomes: Capeta, Coisa-ruim, Capirotô, Satanás, Tinhoso, Demônio, Satã, Anjo-mau, Belzebu, Príncipe-das-Trevas (esse eu até que gosto), Pai-

da-Mentira e muitos outros; porém, apesar de tudo que aconteceu, na verdade eu gosto mesmo é do nome que me foi dado originalmente: *Lúcifer*.

Sabe o que significa Lúcifer? É uma palavra que vem do latim *lux*, que significa luz e *ferre*, que significa “portar”, “levar”, portanto, Lúcifer é aquele que “leva a luz”, o *portador da luz*, aquele cuja luminosidade é tão intensa que se pode vê-la até no raiar do dia, como Vênus, a estrela que brilha solitária no clarear da manhã.

É, eu sei o que vocês estão pensando agora: é realmente muito contraditório pensar que o “líder da escuridão”, o “príncipe das trevas”, o “pai do mal”, possa ter sido considerado, em algum momento da história, como o “portador da luz”, como aquele que “leva a luz”, mas, como eu já lhes disse anteriormente, não fui eu quem escolhi os meus nomes - todos eles me foram dados por outros.

A questão é que, acreditando ou não na minha existência, gostando ou não de mim, você com certeza já ouviu falar sobre a minha história. E como em toda história que fica muito famosa “quem conta um conto aumenta um ponto”, é o que dizem, por isso, embora muito daquilo que contam sobre mim esteja correto, muito também está incorreto, sendo somente o fruto da exagerada imaginação daqueles que a contaram. E o que quero dizer com isso é que nem todo mal que me atribuem foi eu mesmo que criei e que nem todas as